

DENDEICULTURA E MIGRAÇÃO EM TOMÉ-AÇU (PARÁ): o caso da Vila Forquilha¹

PALM CULTURE AND MIGRATION IN TOMÉ-AÇU (PARÁ), BRAZIL: the case of Vila Forquilha

DENDEICULTURA Y MIGRACIÓN EN TOMÉ-AÇU (PARÁ): el caso de la Vila Forquilla

Ana Cláudia Alves de Carvalho

Doutoranda em Geografia da Universidade Federal do Pará – UFPA. Integrante do Grupo de Pesquisa Dinâmicas Territoriais do Espaço Rural na Amazônia Paraense – GDEA.
carvalho_anaclaudia@yahoo.com.br

João Santos Nahum

Professor Doutor da Faculdade de Geografia e Cartografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará – UFPA. Coordenador do Grupo de Pesquisa Dinâmicas Territoriais do Espaço Rural na Amazônia Paraense – GDEA.
prof.joaonahum@gmail.com

Recebido para avaliação em 11/12/2017; Aceito para publicação em 22/10/2018.

RESUMO

Este artigo reflete os esforços para se compreender os movimentos migratórios e as disputas de mão de obra ocorridas na Vila Forquilha, localizada no município de Tomé-açu (PA), a partir da chegada da empresa Biopalma, produtora de dendê. Objetivou-se analisar o movimento migratório ocorrido no município, resultado da chegada de uma gama de pessoas atraídas pela oportunidade de trabalho oferecida pela empresa, como a função assalariada em plantios de dendê. Metodologicamente, investigou-se através de pesquisa de campo, entrevistas abertas e semiestruturadas, além da aplicação de questionário socioeconômico, como se estabeleceram os fluxos migratórios em direção à Vila Forquilha e como esses movimentos geraram disputas de mão de obra. Buscou-se mostrar a dinâmica gerada pelo dendê no município, e como os movimentos migratórios irão impactar a vila, através das metamorfoses espaciais e no trabalho.

Palavras-chave: Tomé-Açu-Pará-Brasil; Dendeicultura; Vila Forquilha.

ABSTRACT

This article represents the efforts to understand the migratory movements and the labor disputes in the Forquilha Village located in the municipality of Tomé-Açu (PA), North of Brazil, from the arrival of the company Biopalma, palm oil producer. The purpose of this study was to analyze the migratory movement in the municipality, resulting from the arrival of a range of people attracted by job opportunities offered by the company, such as the salaried function in palm plantations. Methodologically, the research was conducted through field research, open and semi-structured interviews, as well as the application of a socioeconomic questionnaire as the migratory flows towards the village were established and how these movements generated labor disputes. The

¹ Artigo fruto do projeto de pesquisa “Formação territorial rural da Amazônia Paraense”, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisas Dinâmicas Territoriais do Espaço Rural na Amazônia (GDEA).

research sought to show the dynamics generated by palm oil in the municipality, and how the migratory movements will impact the village, through spatial metamorphoses and labor.

Keywords: Tomé-Açu-Pará-Brazil; Palm Culture; Forquilha Village.

RESUMEN

Este artículo refleja los esfuerzos para comprender los movimientos migratorios y las disputas por mano de obra ocurridas en la Vila Forquilha ubicada en el municipio de Tomé-Açu (PA), a partir de la llegada de la empresa Biopalma, productora de palma. Objetivamos analizar el movimiento migratorio ocurrido en el municipio, resultado de la llegada de una gama de personas atraídas por la oportunidad de trabajo o asalariado ofrecido por la empresa en los plantíos de palma. Metodológicamente se estudió a través de investigación de campo, entrevistas abiertas y semi estructuradas, además de aplicación de cuestionario socioeconómico como se estableció los flujos migratorios hacia la villa y como tales movimientos generaron disputas de mano de obra. Buscamos mostrar la dinámica generada por el dendê en el municipio, y cómo los movimientos migratorios van a impactar la villa, a través de las metamorfosis espaciales y en el trabajo.

Palabras clave: Tomé-Açu-Pará-Brasil; Dendeicultura; Vila Forquilha.

INTRODUÇÃO

Introduzida no estado do Pará, a partir da década de 1950 e manifestando um “boom” na produção e expansão de suas áreas de cultivo em 2002, a dendeicultura é impulsionada por programas e políticas públicas que possibilitariam sua instalação, bem como um conjunto de técnicas que estruturaram seu desenvolvimento (HOMMA; FURLAN JÚNIOR, 2011). Tendo por base o Zoneamento Agroecológico (ZAE), que identificou áreas edafoclimáticas propícias ao plantio de dendê, atraindo o capital privado a investir neste ramo (BRASIL, 2010), iniciou-se um movimento em torno dos municípios que compõem a microrregião de Tomé-Açu. Este fato irá desencadear um grande fluxo de pessoas em direção a estes municípios.

Destaca-se a influência do Programa Nacional de Uso e Produção do Biodiesel (PNPB), criado em 2004 pelo governo federal, que foi um verdadeiro divisor de águas no desenvolvimento da dendeicultura no estado. A criação dos “Polos de Produção de Biodiesel”, instituídos pela Secretaria de Agricultura Familiar do então Ministério do Desenvolvimento Agrário, extinto em 2016, também foi um grande impulsionador da expansão da produção de óleo de palma, com a intenção de favorecer a inclusão dos agricultores familiares na cadeia produtiva do dendê.

O Pará concentra, atualmente, desde empresas produtoras de dendê nacionais a internacionais, algumas tendo sua produção voltada ao biodiesel e outras ao ramo alimentício e de cosméticos. Os novos atores, ao se instalarem na região, trazem novos investimentos e uma nova configuração territorial nos lugares onde aportam, fazendo

nascer diferentes relações que transformam as dinâmicas existentes, e que tornam a dendeicultura um evento no estado (NAHUM; MALCHER, 2012).

Enfocou-se, nesta pesquisa, o movimento migratório desencadeado pela dinâmica territorial decorrente da instalação da dendeicultura no município de Tomé-Açu (PA), por meio da empresa Biopalma, tendo como situação geográfica a Vila Forquilha. Metodologicamente, partiu-se das condições espaciais deste lugar no século XXI para compreender a ação da dendeicultura nos processos de reorganização espacial. Trata-se de um procedimento que procura entender como o lugar assumiu a configuração atual. Assim, a pesquisa destinou-se na investigação das metamorfoses no espaço, pois antes da instalação da empresa, a vila possuía uma dinâmica diferenciada da que hoje se estabelece, e o fluxo migratório teve grande influência nas transformações que lá ocorreram.

Para tanto, foram realizados quatro trabalhos de campo no período de 2015 a 2017, por meio dos quais pode-se caracterizar a paisagem, a configuração espacial e a dinâmica do lugar. Buscou-se ainda, o levantamento de dados primários junto aos moradores, estabelecimentos comerciais e posto médico. Para a compreensão do fluxo migratório, foram coletados dados em prontuários de atendimento do posto médico da vila, que evidenciassem o lugar de origem dos moradores, pelo fato deste conter informações de seus pacientes ao longo dos anos, e assim, testemunhar o aumento populacional na vila. Neste curso, foram entrevistados os proprietários de estabelecimentos comerciais ao longo da avenida principal, para identificar o estado de origem desses comerciantes, bem como averiguar o início de suas atividades na referida localidade. Estas informações permitiram compreender o impacto da migração no arranjo espacial.

De modo semelhante, foram aplicados 104 questionários para 104 famílias. Isso nos permitiu caracterizar sua principal fonte de renda, bem como o universo daquelas beneficiadas pelos programas de assistência social, como o Bolsa Família e Aposentadoria Rural, além de entrevistas abertas e semiestruturadas junto ao sindicato dos trabalhadores rurais do município, moradores e comerciantes. Os resultados indicam que: onde a dendeicultura aporta, muda-se a paisagem, a configuração espacial e a dinâmica social, ou seja, a relação com o território, que antes era o quadro da vida, usado primordialmente para a reprodução camponesa.

MIGRAÇÃO NA VILA FORQUILHA

A vila Forquilha havia recebido, na década de 1970, pessoas atraídas pela extração e comércio de madeira, criação de gado e plantio de pimenta-do-reino, atividades

consolidadas no município de Tomé-Açu. Porém, a partir de 2009, a dendeicultura tornou-se o foco dessa atração, imprimindo à vila uma nova dinâmica vivenciada por migrantes de municípios paraenses e de outros estados. Estes migrantes, ao serem absorvidos pela empresa, aquecem a economia do lugar, sobretudo o setor de comércio e serviços, sendo importantes na reprodução da vila. Assim, podemos notar que as pessoas empregadas nas empresas produtoras de dendê, utilizam-se dos serviços locais para comer, beber, vestir, morar, dormir, lazeres, enfim, reproduzir sua existência.

Os migrantes têm o sonho de construir uma vida melhor, alguns chegam com capital inicial, proveniente de suas economias ou da venda de propriedades em seus lugares de origem. Esse capital os impulsiona a empreender no setor de serviços e comércio, ou mesmo na compra de terrenos, para a aquisição de casa própria. Outros, por seu turno, chegam somente com a força de trabalho, apostando na possibilidade de emprego em fazendas de cultivos do dendê. Além disso, a dendeicultura, em si, apresenta um capital giratório intenso, proveniente do setor privado ou estatal, que passa a ser inserido na vila por meio dos salários pagos aos funcionários ou pelo agricultor familiar associado à empresa.

Além do exposto, há pessoas oriundas dos municípios que compõem o Nordeste paraense, como também da mesorregião Sudoeste do estado, como é o caso de Altamira, e da mesorregião do baixo Amazonas, no caso de Almeirim, além dos estados do Maranhão, Alagoas, Ceará, Piauí, Pernambuco, Sergipe e Espírito Santo. Essa capacidade de atração de contingentes populacionais é inerente aos grandes projetos desenvolvidos na Amazônia, tal como a dendeicultura na microrregião de Tomé-Açu, capaz de envolver pessoas de outras localidades do país, fazendo com que a região se torne um ponto de atração e de disputas de mão de obra.

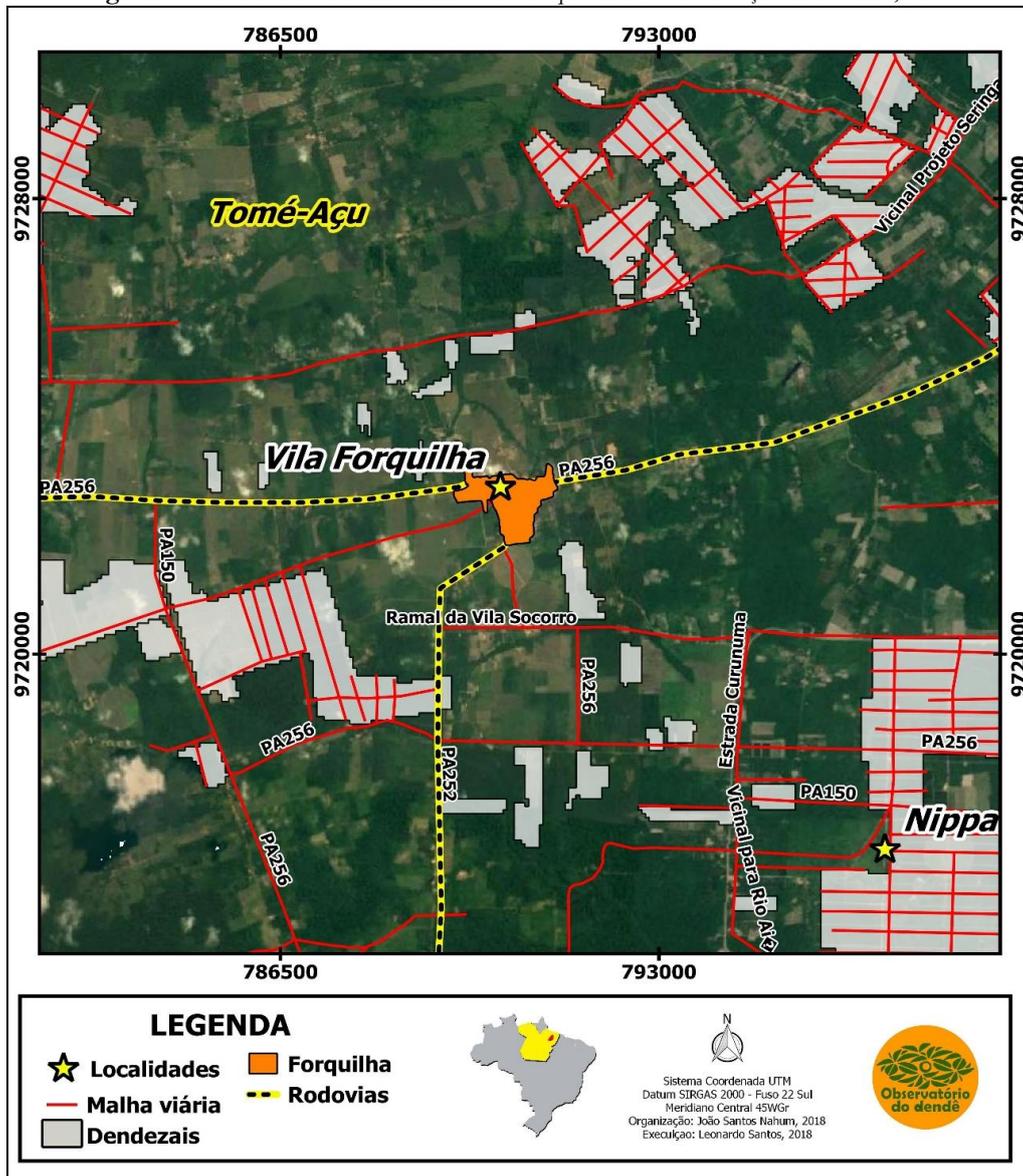
Assim, Tomé-Açu consegue competir com outros estados que têm gerado oportunidades de emprego para habitantes da região Norte e de outras porções do país. Isto, em grande parte, ocorreu devido ao processo histórico de ocupação da Amazônia por meio de fluxos migratórios que foram, em alguns casos, bem-sucedidos, visto que muitos dos que migraram, fugindo das secas no Nordeste e em busca de melhores condições de vida nas décadas de 1960 e 1970, ainda se encontram na região.

Em consequência, a dendeicultura passa a atrair mão de obra, desencadeando assim, uma disputa com as demais culturas do meio rural e mesmo no espaço urbano. Traços dessa disputa podem ser identificados quando se considera o uso intensivo de força de trabalho nos anos iniciais de construção da configuração espacial dos dendezaís, e que

permaneceu mesmo nos momentos de estabelecimento das fábricas, para produção de óleo de dendê.

O fato pode ser comprovado desde o início do século XXI, quando os dendezaís substituem fazendas nos arredores da vila Forquilha (Figura 1). As empresas do setor se apresentam oferecendo emprego com carteira assinada e um salário fixo mensal, fato que despertou a atenção de quem já vivia por lá e trabalhava nas fazendas de pimenta. Igualmente, atraiu quem sobrevivia de roçados em suas unidades familiares ocorrendo, em alguns casos, que os filhos maiores de idade saíssem para trabalhar na empresa, deixando apenas o pai e mãe na unidade familiar. Isto, em virtude da busca por melhores condições de vida, algo que sempre foi almejado, mas que só a partir da instalação dessas empresas, surgiu como oportunidade.

Figura 1 - Dendezaís no entorno da Vila Forquilha em Tomé-Açu-Pará-Brasil, 2017.

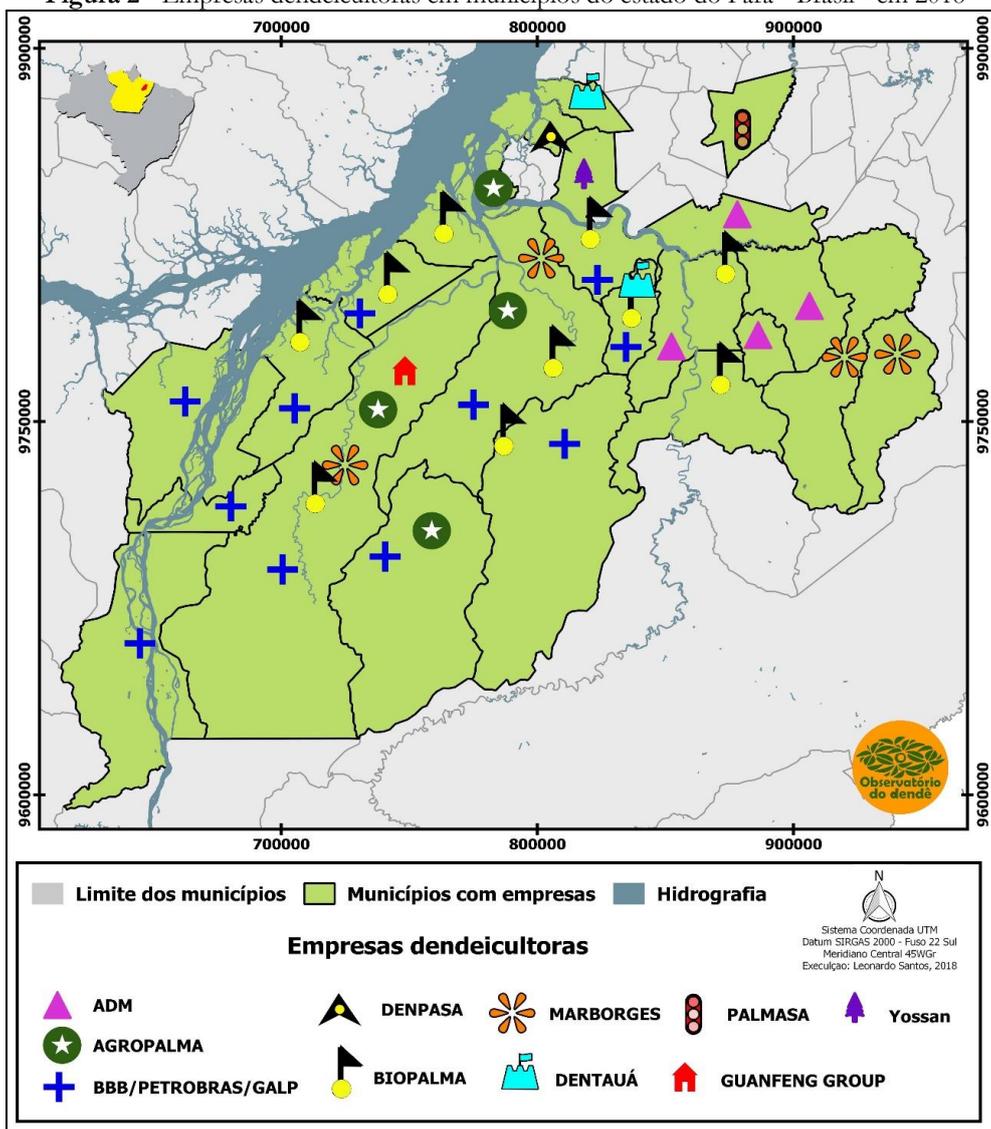


Fonte: Observatório do Dendê, 2018.

Houve ainda famílias que venderam suas terras para a empresa, processo que ocorreu de maneira intensa provocando o êxodo rural. Algumas delas foram se estabelecer na sede do município de Tomé-Açu ou mesmo no distrito de Quatro Bocas, ocasionando, com isso, uma redução da mão de obra disponível para trabalhar nas fazendas de gado, nos pimentais ou mesmo nas empresas madeireiras.

Nas primeiras décadas do século XXI, as empresas dendeicultoras integram a configuração espacial do estado do Pará (Figura 2). Amplia-se, em sequência, a oferta de empregos, sendo a maior parte das vagas para cuidar dos plantios iniciais, limpeza e manutenção do dendezal, atividades que a maioria dos moradores conhecia, pois tinham experiência no cuidado com a roça. A notícia sobre a oferta de emprego se espalhou, chegando aos municípios vizinhos e atraindo pessoas, fazendo com que alguns viessem com suas famílias para estabelecer moradia, mas na maioria das vezes vinham sós.

Figura 2 - Empresas dendeicultoras em municípios do estado do Pará - Brasil - em 2018



Fonte: GDEA e Observatório do Dendê, 2018.

Em função dos migrantes em busca de emprego nas empresas, houve uma queda na mão de obra que trabalhava com a pimenta, nas fazendas de gado e nas madeireiras, que continuavam realizando suas atividades normalmente, mas que, por não oferecerem um emprego assalariado formal, e com salário fixo, como nas empresas de dendeicultura, eram deixadas de lado. De outro modo, o desejo de tornar-se um assalariado vigorou como sendo um sonho conquistado por muitos jovens de baixa escolaridade, e que agora conseguiam ter um maior poder de compra, além de possuir seus direitos trabalhistas regularizados.

Como nem toda mão de obra vinda de fora do município pode ser absorvida nas empresas, ela voltou a atender as demais atividades realizadas em Tomé-Açu, alcançando certo equilíbrio novamente. Com o aumento populacional na vila Forquilha, o setor de comércio e serviços cresce, também fazendo uso dessa mão de obra nos supermercados, lojas de materiais de construção e demais estabelecimentos comerciais.

O trabalho na dendeicultura impulsionou o comércio local, mas o processo ainda é recente, de 2009 até 2016. Em sete anos, o crescimento econômico local ainda não possibilitou ao trabalhador assalariado nas empresas, por exemplo, montar um comércio local como era o sonho de muitos. E aqueles que se integraram aos projetos de produção familiar de dendê, o cultivo ainda está servindo, no caso do agricultor familiar, para pagar seu empréstimo junto ao Pronaf-eco-dendê².

No caso do trabalhador assalariado migrante, que veio sem capital e conseguiu empregar-se na empresa, ao se tornar assalariado, pode reformar sua casa ou comprar terreno, moto, bens duráveis, eletrodomésticos e móveis. Em suma, o assalariamento possibilitou a este grupo um maior crédito no setor comercial, a abertura de contas bancárias, bem como efetuar compras no crediário.

Pôde-se compreender, que o processo migratório é instável, com altos e baixos. A cada projeto de expansão do cultivo de dendezeiro implantado, difunde-se a geração de emprego, ocorrendo o deslocamento da população dos municípios vizinhos em busca de trabalho, pois estas funções têm como característica englobarem um baixo grau de especialização e mão de obra barata, geralmente para atividades manuais, envolvendo o trabalho com a terra, corte e limpeza de terrenos onde, em alguns casos, há contratações de motoristas, cozinheiras e mecânicos.

O atrativo é visto como uma saída pelos indivíduos que vivem com suas famílias em situação vulnerável ou precária, uma vez que suas propriedades não lhes proporcionam

² Modalidade de financiamento oferecido pelos bancos às famílias agricultoras que gostariam de associar-se às empresas na produção de dendê, em seus próprios lotes de terra. Os valores possibilitarão a compra das sementes, insumos e adubos necessários à condução da produção que passa a ser vendida à empresa.

mais o sustento básico para a reprodução dos modos de vida daqueles grupos. Por esse motivo, saem em busca de novas possibilidades, com o sonho de ir para outro lugar e lá ser bem-sucedidos, objetivo que muitos buscam concretizar até hoje.

Para compreender a natureza dessa migração na dinâmica social da vila Forquilha, recorreu-se aos dados cadastrais do posto de saúde localizado na vila, onde foi possível ainda, ter uma conversa com a enfermeira-chefe, que nos informou trabalhar no local desde 2009, e, segundo ela: “neste período pode observar o aumento significativo de pessoas na vila” (V. A. S. julho - 2015). Segundo esta profissional, “tal processo se intensificou com a instalação das empresas produtoras de dendê” (V. A. S. julho - 2015).

Dentre os prontuários disponíveis no arquivo do posto, que estavam separados em blocos e por anos, analisou-se os documentos relativos aos anos de 2009 até meados de 2015. Foi observada a desigual distribuição de prontuários nesse período, mas os dados confirmam o aumento no número de registros, conforme informado pela enfermeira, tendo como pontos mais elevados os anos de 2010 a 2012, que correspondem ao maior fluxo. Isso se manifesta devido “boom da dendeicultura”, período de maior expansão da cultura no estado, e na vila Forquilha corresponde ao período de chegada da Biopalma.

Acreditamos que esse movimento migratório ocorre em toda a microrregião de Tomé-Açu, que compreende os municípios de Tomé-Açu, Acará, Moju, Tailândia e Concórdia do Pará, pois nela, a dendeicultura está enraizada desde a década de 1980. Os números da Tabela 1 ajudam a entender os fluxos de migração a nível municipal, sobretudo para o município de Tomé-Açu. O fato é deduzido quando se considera que, a maior parte dos quase 5 mil cadastros analisados junto ao posto de saúde, de 2009 até 2015, deslocou-se em direção à vila.

Tabela 1 - Municípios de origem do público atendido no posto de saúde da Vila Forquilha (2009-2015).

MUNICÍPIOS	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Abetetuba	0	4	1	0	0	0	0
Acará	4	14	16	5	0	0	0
Altamira	0	1	0	0	0	0	0
Ananindeua	0	2	0	0	0	0	0
Aurora	0	0	1	0	0	0	0
Bagre	0	0	1	0	0	0	0
Baião	1	1	1	0	0	0	0
Belém	1	19	14	7	0	1	0
Benevides	0	0	1	0	0	0	0
Bragança	0	9	6	0	0	0	0
Breu Branco	0	1	0	0	0	0	0
Bujaru	0	5	1	0	0	0	0
Cametá	0	4	2	0	0	0	0
Capanema	2	5	2	1	0	0	0

Capitão Poço	1	4	6	0	0	0	0
Castanhal	1	9	4	2	2	0	0
Concórdia do Pará	0	0	4	0	0	0	0
Curuçá	0	2	0	0	0	0	0
Garrafão do Norte	1	1	0	0	0	0	0
Igarapé-Açu	0	3	3	0	0	1	0
Irituia	0	0	5	0	0	0	1
Ipixuna	0	3	0	0	0	0	0
Jacundá	0	0	1	0	0	0	0
Mãe do Rio	0	4	2	0	0	0	0
Marabá	0	1	1	0	0	0	0
Maracanã	1	1	1	0	0	0	0
Marituba	1	3	0	0	0	0	0
Moju	1	13	12	6	2	0	0
Nova Esperança do Piriá	0	1	1	0	0	0	0
Novo progresso	0	1	0	0	0	0	0
Novo Repartimento	0	1	0	0	0	0	0
Ulianópolis	0	1	0	0	0	0	0
Ourem	0	1	4	0	0	0	0
Paragominas	0	5	3	0	0	0	0
Parauapebas	0	2	0	0	0	0	0
Portel	0	0	1	0	0	0	0
Primavera	0	0	1	0	0	0	0
Rondon	0	1	0	0	0	0	0
Salinas	0	2	0	0	0	0	0
Santa Barbara	0	1	0	0	0	0	0
Santa Izabel	0	3	0	0	0	0	0
Santa Maria	0	7	6	0	0	0	0
São Domingos	0	1	0	0	0	0	0
São Francisco	0	1	0	0	0	0	0
São Miguel do Guamá	0	1	1	0	0	0	0
Tailândia	1	22	16	3	0	0	0
Tomé-açu	322	755	572	816	746	606	379
Tucuruí	0	1	1	0	0	0	0
Viseu	1	3	3	1	0	0	0
Vigia	0	0	0	1	0	0	0
S/I	0	0	0	0	0	163	24

Fonte: Arquivos do Posto de Saúde da Vila Forquilha, organizado pelo GDEA.

Assim, observa-se que dos 842 cadastros analisados no ano de 2012, cerca de 816 são de pessoas nascidas em Tomé-Açu, e que estavam na vila Forquilha. Encontrou-se ainda, 51 municípios citados, tendo maior recorrência: Tailândia, Acará, Belém e Moju. Isso significa que durante esses anos, a vila recebeu pessoas de diversos municípios do estado. Nota-se que, entre os anos de 2013 e 2015 ocorreu uma queda, que pode ser explicada pelo fato das empresas terem equilibrado seus quadros de funcionários, não contratando mais um número tão elevado de pessoas, pois a vila Forquilha deixou de ser tão atrativa, por ter

passado a apresentar um aumento populacional e, assim, a precariedade em seus serviços. Outra hipótese é que outras empresas tenham se fixado nos municípios vizinhos e assim, atraído outra leva de trabalhadores para lá.

Observam-se na Tabela 2 os fluxos migratórios por estado. Dentre os cadastros analisados, o número de pessoas nascidas no Pará chega a atingir, em 2010, 919 cadastrados, dentre os 1.108 cadastros levantados para aquele ano, e 114 vindos do Maranhão, como sendo o ano que mais maranhenses se cadastraram no posto de saúde, nos anos analisados. Dos citados, encontramos uma variedade de 20 estados, sendo Piauí, Ceará, Alagoas e Bahia, os mais mencionados.

Tabela 2 - Estados de origem do público atendido no posto de saúde da Vila Forquilha (2009-2014).

ESTADOS	2009	2010	2011	2012	2013	2014
AL	8	15	10	4	0	0
AM	1	1	0	0	2	0
AP	0	2	2	0	1	0
BA	4	1	2	6	3	1
CE	3	16	13	9	8	1
ES	0	1	0	1	1	0
GO	0	2	2	0	1	0
MA	17	114	97	108	30	13
MG	1	7	1	0	0	0
PA	338	919	694	842	750	771
PB	0	0	1	0	0	0
PE	0	1	0	4	0	1
PI	1	18	13	4	1	0
PR	0	1	0	0	1	0
RJ	0	0	0	0	1	0
RN	0	3	0	1	0	0
RR	0	0	0	1	0	0
SC	0	0	1	0	0	0
SP	1	1	1	1	0	0
TO	0	6	1	1	0	0

Fonte: Arquivos do Posto de Saúde da Vila Forquilha, organizado pelo GDEA.

No entanto, compreendemos que, o fato dos moradores da vila Forquilha informarem em seus cadastros, no posto de saúde, sua naturalidade, não significa que essas pessoas tenham vindo exatamente das localidades mencionadas, em direção à vila, propriamente. Encontramos relatos de casos em que famílias inteiras migraram para a vila, e outros em que a migração ocorreu por indivíduos que, posteriormente, constituíram família neste local e, atualmente, ali residem, fazendo uso do posto de saúde, como foi possível ouvir de vários moradores. Porém, esses fluxos migratórios são constantes, devido

às diversas oportunidades que surgem nos lugares. Nesta ótica, pode ser que determinadas pessoas, mesmo nascendo em certos municípios, tenham vindo de outros, ou podendo, até mesmo, terem permanecido por pouco tempo na vila.

Na consideração dos dados acima, recorda-se que as fichas cadastrais analisadas apresentavam diferentes formatos, e os dados exigidos ao longo do período analisado, em sua maioria, não dispõem de todos os elementos solicitados, exibindo muitas informações em branco. Entretanto, uma funcionária do posto informou que: “o público do posto são mulheres, crianças e idosos, quase sempre gestantes e recém-nascidos, para tomar vacinas, pois o posto atende apenas consultas de rotina, não tratando de casos mais graves” (V. A. S. julho - 2015). Ou seja, esse cadastro nos revela que a dinâmica migratória vivida na vila Forquilha, entre os anos de 2009 a 2014, foi muito mais intensa do que os dados revelam.

A migração ressalta a ideia de que a vila se traduz no lugar do encontro, como lembra Nahum e Santos (2015), pois é lá que se encontram, em um primeiro momento, os migrantes, vindos dos mais diversos municípios e estados, cada um com as tradições de seus lugares de origem. O dendê, que também vem de muito longe, trazido pela Biopalma, tem seus caminhos abertos por inúmeras políticas públicas. Todos esses encontros transformam a vila Forquilha no que ela é: heterogênea, complexa e ativa.

TRAÇOS DO CIRCUITO ESPACIAL INFERIOR NA VILA FORQUILHA

Na vila Forquilha, a dendeicultura tem ocasionado a diminuição no trabalho produtivo camponês, que ainda resiste, porém, cedeu espaço ao trabalho no setor de comércio e serviços, que demonstrou ter se expandido, assim como a vila, tornando-se mais dinâmico. Nesta ótica, houve aumento no trabalho assalariado, este consolidado pela oportunidade de ser contratado pelas empresas. Dessa maneira, observa-se a presença do capital comercial e do capital financeiro, reproduzindo-se em um lugar que continua sofrendo transformações.

Em relação ao comércio local, foram identificadas: três lojas de materiais de construção, três de móveis e eletrodomésticos, cinco lojas de roupa e calçados, três restaurantes, duas oficinas mecânicas, duas lojas de informática, duas farmácias, uma casa lotérica, um salão de beleza e um posto de gasolina, como alguns dos estabelecimentos dispostos na avenida principal. A presença da variedade de serviços demonstra o grande dinamismo vivido pelo lugar, que não se apresentava antes da dendeicultura, bem como não dispunha da mesma quantidade de estabelecimentos comparados ao quantitativo atual.

A chegada de mão de obra passa a ser incorporada ao trabalho, aquecendo o setor de compra e venda de imóveis, assim como o de aluguéis, no qual uma grande demanda de quitinetes foi construída a fim de receber a mão de obra que chegou à vila Forquilha. O fato reflete na abertura de lojas de materiais de construção para atender essa demanda local, bem como lojas de eletrodomésticos, móveis e utilidades do lar. Da mesma maneira, esse movimento impacta o consumo, estimulando a abertura de mais lojas de roupas, calçados, acessórios, assim como franquias de venda de motos e celulares.

Observa-se que agora a vila passa a oferecer serviços que antes só eram possíveis ser acessados no distrito de Quatro Bocas ou no centro urbano de Tomé-Açu. Essa expansão no setor de comércio e serviços fez com que o fluxo a Quatro Bocas diminuísse, sendo que, a maior parte do dinheiro pertencente à população da vila circula agora na própria vila, injetado assim, no comércio local. O novo contexto gera cada vez mais um crescimento, ocasionado pela oferta e especialização dos serviços, além de trazer maior comodidade aos moradores do lugar, que não precisam mais se deslocar.

Nota-se que o trabalho na dendeicultura tem um papel importante na economia local, bem como a dependência que o lugar tem das empresas de dendê, fato este preocupante, pois nos leva a questionar se a vila manteria a referida dinâmica caso a empresa encerrasse suas atividades. Nesta problemática, algumas indagações emergem, como: o comércio conseguiria absorver a mão de obra que atualmente é sustentada pelas empresas? O que aconteceria com esses trabalhadores? O setor de comércio e serviços conseguiria manter sua clientela consumindo a ponto de manter seus estabelecimentos funcionando?

Como pode-se observar na Figura 3, a rua Francisco Luís, avenida principal no comércio da vila Forquilha, possui alguns estabelecimentos comerciais, entre eles o supermercado “Meio Preço”, o de maior referência na vila, e o “Giro Motos”, que oferece serviços de manutenção de motos e a venda de acessórios. Além disso, tem-se a presença de um ônibus da empresa Biopalma, que faz o transporte dos trabalhadores, das áreas de plantio da empresa até as vilas ao redor. Na vila Forquilha não há um sistema de transporte público que transite pelas ruas, há apenas duas linhas, uma da empresa Calimã e outra da Boa Esperança que passam pela vila uma ou duas vezes por dia. Contudo, o transporte alternativo se faz presente, mesmo não sendo legalizado, transporta os moradores até Quatro Bocas e ao centro de Tomé-Açu.

Figura 3 - Principal via comercial da Vila Forquilha em 2015



Fonte: GDEA/UFPA, 2015.

Os três supermercados na mesma avenida ajudam a dimensionar o volume de pessoas que moram na vila e consomem os seus produtos, pois em um primeiro momento não se compreende como todos eles conseguem se manter em atividade devido à concorrência. Contudo, ao caminhar pelas ruas nos deparamos com a quantidade de novas vias que foram se desenhando no local, e assim podemos ter a dimensão da quantidade de pessoas que ali vivem.

Na Figura 4, observa-se a presença de um dormitório, localizado na via principal da vila, que funciona como um hotel. O local atende, geralmente, as pessoas que estão de passagem e precisam ficar por poucos dias, quase sempre vendedores, representantes de empresas que vão até a localidade vender seus produtos. A estrutura do hotel conta com mais de 15 quartos com suítes e oferece serviço de café da manhã.

Figura 4 - A presença de um dormitório na Vila Forquilha em 2015.



Fonte: GDEA/UFPA, 2015.

Durante o levantamento de dados em trabalho de campo, foi possível compreender um pouco mais sobre o crescimento do comércio local, descobriu-se que a maioria destes estabelecimentos comerciais foram abertos entre os anos de 2012 e 2013, período em que segundo nossos dados sobre migração, houve uma intensa chegada de pessoas e do capital à vila Forquilha. Em campo, levantaram-se informações a respeito do ano de abertura dos estabelecimentos comerciais localizados na rua principal e, como pode ser observado, os anos de 2010, 2012 e 2013 demonstram maior quantidade de estabelecimentos sendo inaugurados, correspondendo aos anos de maior crescimento da vila, conforme visualizado na Tabela 3.

Considera-se a alta rotatividade existente no setor de comércio, pois durante um ano, fecham-se e abrem-se vários estabelecimentos, do mesmo modo que trocam de lugar, alugando outros pontos comerciais na via principal. A situação também impulsiona a mobilidade, uma vez que quanto mais bem localizado o ponto, melhor será para o comerciante.

Tabela 3 - Ano de abertura de estabelecimentos comerciais na Vila Forquilha até 2015

ANO	2000	2005	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Material de Construção	1		1		1					
Móveis e Eletrodomésticos							1	1	1	
Calçados e Roupas							3	1		1
Restaurantes		2				1				
Supermercado			1		1					
Oficina de Moto			1		1			1		
Informática				1				1		
Posto de Gasolina					1					
Distribuidora de Bebidas					1					
Loja Agrícola							1			1
Farmácia	1	1								
Loja de Variedades				1						

Fonte: GDEA/UFPA, 2015.

A ideia de circuito inferior da economia urbana proposto por Santos (2004) nos auxilia na interpretação do comércio local da vila Forquilha. Tal circuito, compõe-se de atividades de pequena dimensão, que fazem uso da mão de obra intensiva que se movimenta com pouco capital e, mesmo assim, consegue se reinventar tendo sua própria dinâmica. O fato é reflexo da necessidade de se encontrar maneiras de reprodução da existência, mesmo que com trabalhos pouco remunerados.

Por sua vez, o circuito superior utiliza uma tecnologia importada e de alto nível, uma tecnologia de capital intensivo, ao passo que, no circuito inferior, a tecnologia é proveniente do trabalho intensivo e, frequentemente, local ou localmente adaptado ou recriado. Os dois subsistemas urbanos são formas de produzir, distribuir, comercializar e consumir, gerando materialidades distintas, visíveis na paisagem urbana.

Santos (2004) afirma que os dois circuitos não são dois sistemas isolados e impermeáveis entre si, mas ao contrário, estão em interação permanente. De um lado, a própria existência de uma classe impede de se falar em circuitos fechados, uma vez que seu consumo se dirige a um ou outro circuito com frequências variáveis. De outro lado, o funcionamento de cada circuito compreende uma articulação interna ou horizontal, com

diferentes graus de integração, e uma articulação vertical, que se realiza pela comunicação entre atividades dos dois circuitos.

Mesmo a vila Forquilha sendo compreendida em um primeiro olhar como um núcleo rural, apresenta um circuito econômico que muito se assemelha ao de um bairro urbano periférico. Neste lugar, a economia dialoga diretamente entre os setores de indústria, agricultura, comércio e serviços que se reinventam recebendo influências exteriores, dialogando com o circuito superior, fazendo com que existam relações entre eles. Nesse processo, as oportunidades se recriam, oferecidas pelo mercado e pelo território como um todo.

Em relação ao discurso de melhoria econômica das famílias associadas aos projetos de parceria com as empresas, pode-se afirmar, de acordo com uma dirigente do sindicato dos trabalhadores rurais,

o maior poder de compra das famílias não se dá devido ao seu processo de integração aos projetos de produção de óleo de palma, e sim à dedicação das famílias em parceria ao sindicato dos trabalhadores rurais, que se organizou e as incentivou a implantar o Financiamento do Norte (FNO) para algumas culturas. Após conquistar melhorias, as famílias e o sindicato procuraram associar-se ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Família (PRONAF) para produzirem dendê (M. N. S. dezembro - 2015).

Dessa forma, pode-se notar que o posicionamento do sindicato é de não apontar o projeto de agricultura familiar do dendê como um gerador de benefícios às famílias associadas. Para o sindicato, foram as comunidades e vilas que se organizaram e souberam administrar melhor seus financiamentos e conseguiram focar suas forças e trabalhar. Do contrário, as que não obtiveram melhorias foram aquelas que não se empenharam para isso.

A partir de 2010, quando surgiram os primeiros contratos de parceria entre os agricultores familiares e as empresas, houve uma queda nas filiações ao sindicato. Muitas famílias foram embora de suas comunidades, venderam suas terras às empresas dendeicultoras e agora retornaram, encontrando outras formas de reconstruir suas vidas na vila novamente. Voltaram acreditando mais no sindicato, devido ao enfrentamento ocorrido contra as vendas de terras no processo de chegada das empresas.

No entanto, vive-se um novo momento em Tomé-Açu, em função dos problemas trabalhistas, decorrentes da maneira como os trabalhadores dos dendezeais foram tratados por algumas empresas terceirizadas. Agora as comunidades passaram a acreditar mais no poder do sindicato, conscientizando-se que o movimento se faz conjuntamente, e passaram a associar-se ainda mais. Segundo uma dirigente, o sindicato tem “hoje uma faixa de 2.500

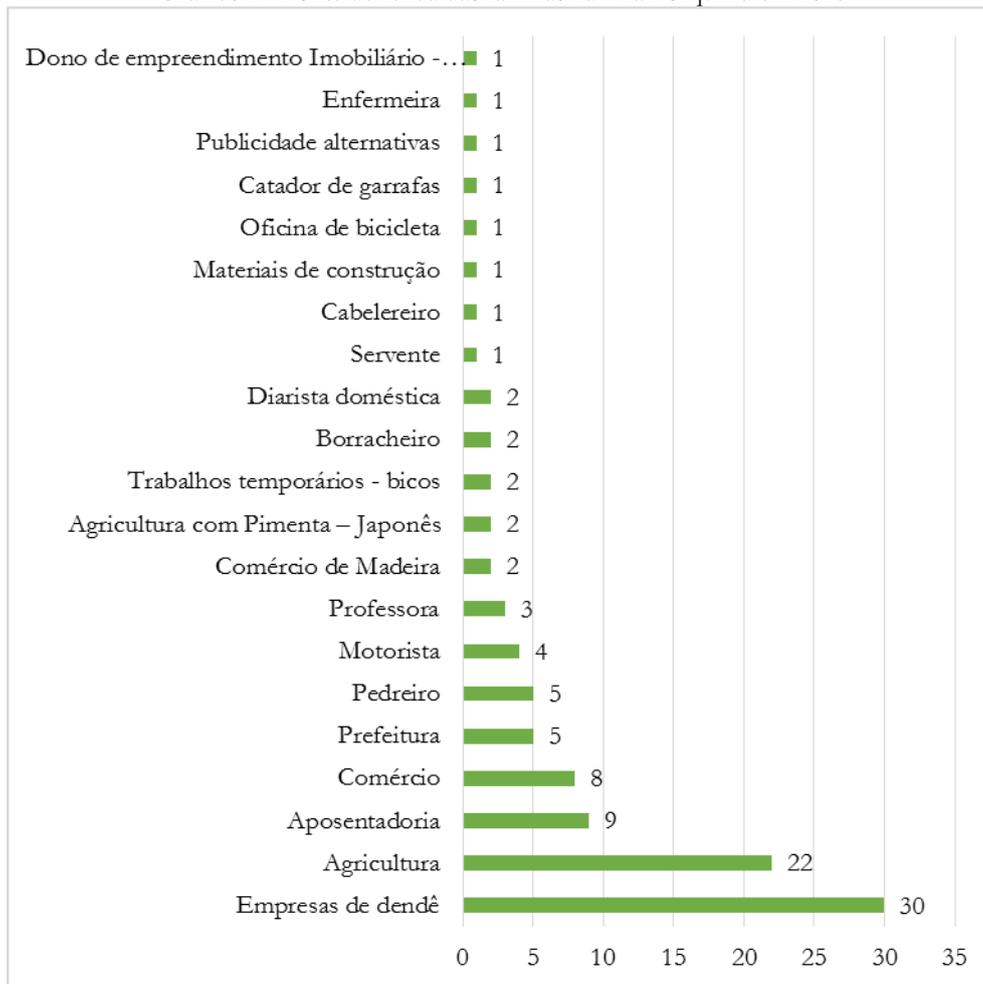
sócios que contribuem regularmente, sendo 800 provenientes da Biopalma, que são assalariados e contribuem com o sindicato” (M. N. S. dezembro - 2015).

Ao final da década de 1990, o sindicato tinha mais força, segundo a diretora, “chegando a possuir cerca de 3 mil sócios efetivos, oriundos da agricultura familiar” (M. N. S. dezembro - 2015). No entanto, desde a chegada da dendeicultura, famílias foram convencidas a vender suas terras e ir embora para a cidade, ou para outro município vizinho, passando a morar com familiares. Houve casos de famílias que abandonaram suas terras, por não terem condições de ficar.

Atualmente, ainda de acordo com a diretora, “o sindicato é formado, em sua maioria, por associados do sexo feminino” (M. N. S. dezembro - 2015). As mulheres que sempre tiveram um papel importante em suas famílias, hoje estão tendo acesso ao salário maternidade, o que tem complementado a renda, aumentando assim, a participação delas no sindicato, nas reuniões, pois foi através do sindicato que o benefício chegou até elas. Tendo em vista que as famílias são compostas, em sua maioria, por mais de um filho (em média três) assim o sindicato acompanha as famílias, as envolvendo de maneira que continuem sempre participando de suas atividades e tomadas de decisão.

Com o intuito de descobrir qual a atividade era a principal geradora de renda das famílias da vila Forquilha, coletou-se dados através da aplicação de questionário, sobre “Qual a principal fonte de renda da sua família atualmente?” para assim, verificar o alcance do trabalho assalariado na Biopalma e, mais que isso, construir um quadro relativo às formas de emprego e renda encontradas no lugar. Enteder quais as outras fontes de renda movimentam a economia da vila, dando vida ao seu circuito inferior da economia, como ilustrado no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Fonte de renda das famílias na Vila Forquilha em 2015

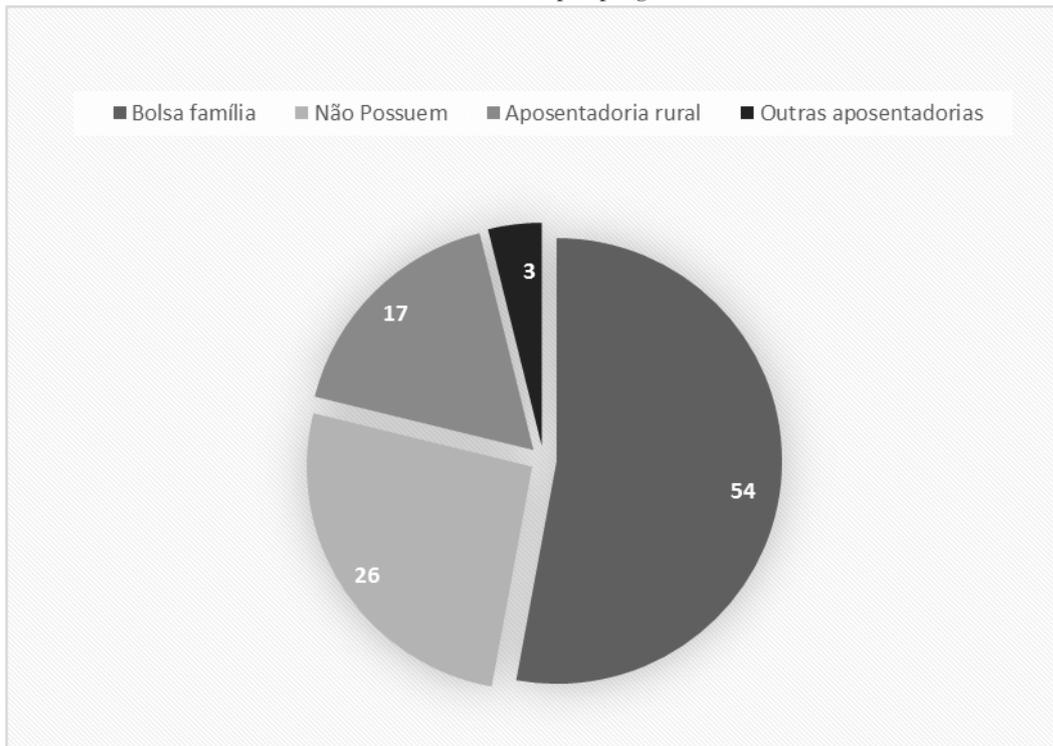


Fonte: GDEA/UFPA, 2015.

É possível verificar que o emprego nas empresas de dendê e o trabalho na agricultura são as principais fontes de renda das famílias entrevistadas, seguido da aposentadoria e das atividades no comércio local. Esse é o movimento atual do trabalho na vila Forquilha, e as demais profissões referem-se a serviços autônomos como: moto-taxi, costureira, catador de garrafas, diaristas, ocupações e trabalhos temporários.

Entretanto, sabemos da importante contribuição dos programas assistenciais na composição da renda das famílias na vila e, de como eles vivenciam a dinâmica econômica dos lugares, contribuindo para o aumento no poder de compra dos indivíduos. Nesta ótica, pode ser observado entre as pessoas entrevistadas, que o Bolsa Família e a aposentadoria rural estão presentes na maior parte das residências, conforme apresentado no Gráfico 2. Assim, o processo acentua as relações mercantis na vila, dinamizando o comércio local.

Gráfico 2 - Famílias atendidas por programas assistenciais



Fonte: GDEA/UFPA, 2015.

Dessa forma, observa-se que são diversas as fontes de renda que se relacionam na vila Forquilha, e que as famílias buscam complementar suas rendas com serviços autônomos. Por outro lado, o trabalho nas empresas de dendeicultura, sejam diretamente na Biopalma ou nas terceirizadas, tem um grande peso na dinâmica do lugar, assim como o programa Bolsa Família e as aposentadorias.

A entrada de outras rendas provenientes de programas assistenciais, convivendo juntos nessa dinâmica social com a agricultura, pecuária, extrativismo, agroindústria, comércio e serviços remodelam o lugar. A presença dos salários, renda, capital e benefícios é resultado das metamorfoses ocorridas na vila. O estabelecimento das ações do Estado, de instituições privadas e do mercado podem ser vistas atuando entre os diversos indivíduos que compõem a vila, como: camponeses, agricultores familiares, empresários, assalariados rurais, conglomerados nacionais e internacionais e moradores rurais.

A vila Forquilha tem sua paisagem modificada devido à expansão do comércio, número de moradias, à chegada dos sistemas de energia elétrica, estradas, telefonia, às extensas áreas de plantio da dendeicultura produzidas pela Biopalma e pela GALP. A nova configuração espacial da vila é geradora de problemas sociais, antes só vividos na cidade: o aumento da violência, gravidez precoce, prostituição, tráfico de drogas, assassinatos, questões que revelam mudanças nas relações existentes no lugar.

A chegada do outro, que migra a fim de conseguir emprego, traz diferentes formas de pensar, de se relacionar com o lugar. A diferença existente entre a oferta e a demanda de empregos gera um contingente de pessoas ociosas que, sem ocupação, seguem o caminho da criminalidade, transformando a vila em lugar de tensões, onde a tranquilidade e harmonia das relações estão sendo perdidas. Diante disso, podemos perceber quão diversos são os impactos causados pelas metamorfoses no trabalho ocorridas na vila Forquilha.

A crítica que fazemos é quanto à ação do Estado e das empresas que estão ali localizadas, bem como às políticas que propõem e dão condições para que a dendeicultura signifique a entrega do território, para o uso de multinacionais e internacionais. Compreende-se assim, como um empreendimento pode impactar o meio rural, uma vez que é desvinculado do lugar e seus moradores.

Esse movimento que vemos acontecer no espaço rural paraense é reflexo da ação estatal direta, diante de uma forma de pensar o campo como o lugar do atraso, do vazio demográfico que precisa, a todo custo, ser desenvolvido. Este artifício é propagado para se utilizar dos recursos naturais presentes na Amazônia paraense. Montou-se assim, o cenário perfeito para a realização de grandes projetos, como temos acompanhado ao longo da história (MARTINS, 1981, 1991, 2009), (HÉBETTE, 2004).

Projetos minerais, hidroelétricos, agropecuários e rodoviários foram sendo incorporados, compostos por rodovias, portos, energia e telefonia para atrair investidores, juntamente com a construção de planos e programas de produção de biodiesel, buscando dar um ar de sustentabilidade à produção da dendeicultura. Contudo, salienta-se que a produção do dendê tem tido fins alimentícios e cosméticos, pouco dessa produção é voltada ao biodiesel.

Acredita-se que a subordinação criada nos lugares onde as empresas de dendeicultura se instalam é preocupante, pois ao ressignificar o lugar, elas se transformam no centro das relações, causando dependência econômica direta. Neste prisma, a vila Forquilha cresceu e se desenvolveu com o empreendimento, mas terá dificuldades em caminhar sozinha, caso as empresas deixem de atuar na localidade. Essa geração de emprego ofertada pelas empresas, transformam o camponês em um assalariado rural que não mais possui ligação com a terra, talvez nem com o lugar, pois muitos são migrantes.

A dinâmica da dendeicultura impacta a vila e descaracteriza o camponês de suas relações com a natureza, através do trabalho, agora inserido na produção mercantil, deixando-o despolitizado, fazendo dele um mero trabalhador assalariado. Tem-se assim, um desafio para atuação dos movimentos políticos no campo, associações e sindicatos rurais. A inclusão do agricultor familiar para transformá-lo em um empreendedor talvez

tenha dado certo, a geração de empregos no campo também, mas em longo prazo: qual o preço disso para as gerações futuras?

O Estado e a iniciativa privada compõem um conjunto de atores que buscam a reprodução do capital não se preocupando, ou pouco preocupados, com a reprodução do campesinato. As metamorfoses que são apresentadas neste trabalho são geradas pelo período do dendê, que transformam o modo de vida destas comunidades, e vilas onde aportam a dendeicultura.

Assim, o trabalho no cultivo do dendezeiro e na produção de dendê é proposto como vetor de desenvolvimento rural e como única oportunidade apresentada ao homem do campo, que sempre viveu com muitas dificuldades, sendo por muito tempo esquecido, contando somente com o uso da terra e suas mãos para sobreviver diante às adversidades no campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento gerado a partir da instalação da Biopalma nos arredores da vila Forquilha, em Tomé-Açu, e do fluxo migratório advindo de municípios e estados vizinhos desencadeiam uma série de transformações positivas e negativas à vila, que antes tinha seu modo de vida em torno da forma de trabalho que possuía, na maneira com que os indivíduos se utilizavam da terra na unidade familiar.

A produção acontecia respondendo às necessidades locais, de uma agricultura voltada à sua reprodução e ao comércio local, às regras locais e às necessidades das famílias que ali moravam. Isso também se transforma com a chegada da dendeicultura. O trabalho passa a atender demandas de fora da vila Forquilha, pois o óleo de palma não é uma necessidade dos moradores da vila, e talvez não seja nem do município ou do estado, já que maior parte da sua produção é voltada à exportação.

Neste contexto, falar das metamorfoses ocorridas no trabalho rural nos leva a pensar que estas fazem parte de um conjunto maior de mudanças, que acontecem nos eixos econômicos, políticos, sociais e culturais, e que estão inseridos no cotidiano dos moradores da vila e constituem seu modo de vida, moldando as práticas existenciais desses indivíduos.

Tem-se assim, o dendê como um agente de destaque na economia, pois possibilitou a ascensão de uma nova fonte de renda, apresentando aos moradores da vila a oportunidade de emprego, metamorfoseando o trabalho no lugar. Entretanto, isso trouxe mudanças que se desencadeiam e recaem sobre a vida dos indivíduos que lá habitam. Desse modo, podemos afirmar que a Vila Forquilha com a instalação das empresas de

dendeicultura tornou-se um lugar atrativo, que passou a oferecer emprego às populações que para lá se direcionam, provocando disputas de mão de obra, por concorrer com as demais atividades já existentes naquela localidade.

Em suma, os movimentos migratórios irão impactar a vila, sua economia, seu setor de comércio e serviços, gerando um inchaço populacional. Com isso questões como aumento da criminalidade e da violência passarão a ser recorrentes, fatos que eram raros segundo os moradores antes da instalação das empresas de dendeicultura. Dessa maneira, observa-se o movimento de mudança, através das metamorfoses ocorridas no trabalho na vila forquilha, desenhando um novo cenário em Tomé-Açu, impulsionado pela dinâmica do dendê, implantada na localidade, fazendo com que o capitalismo se torne hegemônico, adentrando aos mais remotos lugares. Como resultado, as novas dinâmicas reconfiguram a vida das pessoas, inaugurando novas singularidades e mudanças que ocorreram de maneira forçada, por ações políticas combinadas e impostas ao lugar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº. 7.172, de 7 de maio de 2010.** Aprova o zoneamento agroecológico da cultura da palma de óleo e dispõe sobre o estabelecimento pelo Conselho Monetário Nacional de normas referentes às operações de financiamento ao segmento da palma de óleo, nos termos do zoneamento. Brasília/DF, 07 maio 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7172.htm>. Acesso em: 04 dez. 2018.

HÉBETTE, J. **Cruzando fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia.** Belém: EDUFPA, 2004.

HOMMA, A. K. O.; FURLAN JÚNIOR, J. Desenvolvimento da dendeicultura na Amazônia: cronologia. In: MÜLLER, A. A.; FURLAN JÚNIOR, J. **Agronegócio do dendê: uma alternativa social, econômica e ambiental para o desenvolvimento sustentável da Amazônia.** Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2011. p. 193-207. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/web/mobile/publicacoes/-/publicacao/1056562/cronologia-do-cultivo-do-dendezeiro-na-amazonia>>. Acesso em: 04 dez. 2018.

MARTINS, J. S. **Os Camponeses e a política no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1981.

_____. **Expropriação e violência: a questão política no campo.** São Paulo: Editora HUCITEC, 1991.

_____. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano.** São Paulo: Editora Contexto, 2009.

NAHUM, J. S.; BASTOS, C. S. O boom do dendê na microrregião de Tomé-Açu, na Amazônia paraense. **Confins** [Online], n. 25, nov. 2015. Disponível em: <<http://confins.revues.org/10536>>. Acesso em: 21 fev. 2016.

NAHUM, J. S.; MALCHER, A. T. C. Dinâmicas territoriais do espaço agrário na Amazônia: a dendeicultura na microrregião de Tomé Açu (PA). **Confins** [online], n. 16, 2012. Disponível em: <<http://confins.revues.org/7947>>. Acesso em: 04 dez. 2018.

NAHUM, J. S.; THURY, J. P. Encontros e desencontros na Amazônia paraense: os Tembés-Turê-mariquita e a Biopalma em Tomé-açu (PA). **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 1, n. 3, p. 82-96, ed. esp., 2015. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/4436/2427>>. Acesso: 04 dez. 2018.

SANTOS, M. **O Espaço Dividido**. São Paulo: Edusp, 2004.